
A Rua Fala – Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo: Relações entre expressão via interações visuais urbanas, processos sócio-culturais e morfologia urbana.

The Street Speaks - Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo: Relationship between expression via urban visual interactions, socio-cultural processes and urban morphology

Juliana Leal Alvim⁸⁰
Laura Rodrigues Furtado⁸¹
Ursula Betina Diesel⁸²

RESUMO

Grafitas e pichações parecem compor marcas de atuação do individual em seu universo simbólico. Compreender como intervenções visuais urbanas atuam enquanto comunicação transformadora foi o objetivo do estudo. Por viés qualitativo e interpretativo, usou-se andar por ruas de três grandes cidades como percurso de análise. Enquanto a norma é "cada um no seu espaço", as intervenções vêm com caráter transgressor e dão às pessoas espaços de fala.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação visual; intervenção urbana; vivência urbana; semiose; arquitetura urbana.

ABSTRACT

Graffiti seem to compose individual performance marks in their symbolic universe. Understanding how urban visual interventions act as transformative communication was the aim of the study. For qualitative and interpretative bias, it was used to walk through the streets of three major cities as a path of analysis. While the norm is "everyone in their own space", interventions come with a transgressive character and give people spaces for speech.

KEYWORDS: Visual communication; urban intervention; urban life; semiosis; urban architecture.

INTRODUÇÃO

⁸⁰ Recém-graduada em Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário de Brasília (UniCEUB), e-mail: alvim.juju@gmail.com

⁸¹ Recém-graduada em Publicidade e Propaganda pelo Centro Universitário de Brasília (UniCEUB), e-mail: furtadolaurar@gmail.com

⁸² Doutoranda em Comunicação Social pela Universidade de Brasília (UnB), e-mail: ursuladiesel@gmail.com

Este estudo sobre o potencial de comunicação de intervenções urbanas nas cidades de Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo analisa como as intervenções visuais ocupam espaço e potencializam uma comunicação na direção da transformação das vivências da urbe. Grafites, pichações, colagens e projeções são elementos que invadem o espaço urbano e o constituem. Destacam-se, cutucam, provocam e rompem o isolamento comunitário, muitas vezes imposto a grande parte da população. Querem ser vistos e, para isso, têm como suporte paredes/muros que não só ouvem, mas falam e são usados como meio para romper esse isolamento, como espaço de manifestação, visibilidade e ação.

Entende-se que as intervenções têm caráter comunicativo e de propósito transformador na esfera coletiva. E que, ao almejar a construção de cidades melhores – demanda contemporânea –, deve-se levar em consideração tais fatores, já que cidades inteligentes representam, expressam e dão às pessoas espaço de fala.

A vida na urbe conduz ainda à necessidade de se observar a morfologia urbana, que constitui a “ciência que estuda as formas, interligando-as com os fenômenos que lhes deram origem” (LAMAS, 1993, p. 37), ou seja, o conhecimento do meio urbano, suas características e sua dinâmica.

Entretanto, construir compreensão relativa às intervenções visuais urbanas foi o objetivo central aqui. A partir de viés qualitativo e interpretativo, usando o deambular pelas ruas para observar e registrar o vivenciado via fotografias e produção de azulejos – depois colados pelas cidades –, procurou-se sentir e participar dessa dinâmica da urbe. Levantou-se então a hipótese de intervenções visuais urbanas serem estruturantes no contexto de cidade e senso de pertencimento de seus cidadãos, inseridas como vivência urbana, pois permitem a (re)construção, ocupação e identificação com o lugar.

Intervenções visuais urbanas podem ser entendidas como atos geradores de significados, cujo potencial de ação transformadora clama por análise, como “ação e intenção de consciências que constituem aquilo (suporte) como meio de comunicação. Assim, convém compreender a comunicação como transformação ao invés de simples transferência/deslocamento de dados” (RUSSI, 2013, p. 49).

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. Comunicação na dinâmica urbana

O interesse por melhor observar e estudar as intervenções visuais urbanas, enquanto comunicação transformadora, delinea-se na forte percepção de sua presença nos espaços relacionados a uma dinâmica, cada vez mais evidente, de busca pela “ocupação” da cidade por seus habitantes. Segundo Jacobs (2011, p.43), é necessário observar a “grande praga da monotonia” que assola as ruas das cidades. Conforme a autora, as cidades globalizadas têm a tendência de apresentar os mesmos problemas, relacionados à dinâmica da vida urbana.

Vale lembrar que um dos fatores atuantes na dinâmica urbana é o aspecto arquitetônico do espaço. A arquitetura define-se, hoje, por orientar-se pela possibilidade de ação proporcionável ao habitante, ou seja, não é um fim em si mesma, mas vem para prestar um serviço aos indivíduos que compõem a sociedade. Ela os articula ao espaço e à estrutura física - e também imaterial - para fazer uma ponte, ser a conexão e a facilitadora (PALLASMAA, 2011). O espaço arquitetônico não é apenas físico, transcende a geometria, pois também perpassa outras esferas imensuráveis, como a verbal, a de experimentar e viver a arquitetura. É aí que entram as manifestações visuais urbanas, com seu potencial de mudar a atmosfera e ressignificar o espaço e sua vivência.

Assim, parece cogitável que a comunicação funcione como um dos pilares estruturadores do espaço urbano, possibilitando sua caracterização, concretizando sua visibilidade e seu viés cultural. Percebe-se que o próprio suporte das intervenções visuais urbanas (paredes/muros/postes) guarda em si, em perspectiva histórica, a problemática delimitadora e de contenção da manifestação humana em sua vivência no coletivo. Ou seja, as intervenções como grafites e pichações aparecem, primeiro, como reação a essa superfície divisória, separadora, opressora (RUSSI, 2015). Essas ações são usadas na busca do rompimento do isolamento individual, como espaço de manifestação e visibilidade coletiva.

1. 2. Interação social através de mensagens

Entre as várias definições do termo comunicação resgatadas por Santaella (2001), destaca-se a sintética formulação que pontua o caráter complexo e multidisciplinar da comunicação e a coloca como “interação social através de mensagens” (FISKE, 1990, *apud*

SANTAELLA, 2001, p. 16). Tal percepção da comunicação como agente social, de interação, é elemento relevante na observação de grafites e pichações como práticas discursivas. Caracterizam-se como autênticas propostas de comunicação, que estimulam um jogo interpretativo, já que “son textos plenos de simbología, son trazos que sugieren más de lo que explican”⁸³ (RUSSI, 2015, p. 26).

Deste modo, pode-se perceber o potencial comunicativo nas intervenções visuais urbanas na direção de um exercício estratégico de poder, como diz Martino (2001, p. 19): “É, pois, no contraste cultural e no impulso de superar as diferenças que a comunicação se torna visível e supera os entorpecimentos das relações comunitárias”.

1.3. Comunicação como vivência sígnica

Compreende-se que o funcionamento da linguagem configura possibilidades comunicativas que transcendem os suportes usados (nesse caso, principalmente paredes e muros) e ativam potenciais de interação, diálogo, encontro a partir das situações de percepção e decifração das mensagens pela cidade. A partir das intervenções visuais urbanas vislumbra-se o estímulo a uma força interpretativa, segundo Armando Silva (2006) “un tipo de acción ciudadana, no necesariamente consciente en los distintos ciudadanos cooperantes, que actúa desde diferentes medios sobre la percepción social y es dirigida contra la institucionalidad dominante”⁸⁴.

Na semiótica, “é possível perceber como as representações constituem mediação das relações sociais que falam através dos signos e códigos e, sobretudo, daquela lógica que estrutura e organiza suas manifestações fenomênicas e cotidianas” (FERRARA, 2004, p. 94). Assim, o processo comunicativo pode ser entendido como um processo de semiose, ou seja, vivências, caracterizadas pelas interações propiciadas por ambientes comunicativos, como a rua, que seriam, como diz Lucrécia Ferrara (2004, p. 92), “propícios à semiose, à interação e à interface dos meios e veículos”.

Para tanto, vale resgatar a definição peirceana de signo, em que

⁸³ “São textos cheios de simbologia, são traços que sugerem mais do que explicam” (tradução nossa).

⁸⁴ “Um tipo de ação cidadã, não necessariamente consciente nos diferentes cidadãos cooperantes, que atua desde diferentes mídias sobre a percepção social e é dirigida contra a institucionalidade dominante” (tradução nossa).

um signo, ou representâmen, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria, na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado denomino interpretante do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu objeto (PEIRCE, 2000, p. 46).

Assim, a tensão (no sentido de relação) que se instaura entre as intervenções e transeuntes caracteriza a semiose, a vivência da interação entre os diferentes aspectos dessa experiência tipicamente urbana.

1.4. Meios de comunicação como extensão do humano

As intervenções visuais urbanas podem ser percebidas como mensagens que ativam representações, ou seja, configuram aqui o representâmen, que se dirige às pessoas (nas diferentes posições de produção e reconhecimento/ressignificação de si mesmas) e instaura o movimento sígnico, o jogo interpretativo, em suas diversas instâncias de sentido, referindo, nesse caso, a vivência urbana e de coletividade. Desse modo, os aspectos peirceanos da primeiridade (a experiência estética envolvente do sensível) e da secundidade (de caráter indicial) apresentam-se como elementos chave na vivência desencadeadora e desencadeante desse tipo de prática discursiva urbana. Logo, o próprio ato da presença deve ser analisado como constituinte das estéticas das manifestações visuais urbanas. Estas podem ser caracterizadas como índice de existência, de participação, de pensamento, ou seja, como “provocação de uma experiência que pode ser denominada como estética” (RUSSI, 2013, p. 45-46).

McLuhan (2007), já na década de 1960, definiu os meios de comunicação como extensões do humano. Aqui a cidade pode ser entendida como o meio (enquanto recurso), no qual nos situamos e que deveria ser nossa extensão, representar-nos, ampliar nossas condições. Mas, subjugada a uma lógica de consumo e não de humanidade, falha nessa perspectiva e oferece-nos, em troca, espaços de transgressão. Aí entram as intervenções urbanas, que, sim, expressam falas dissonantes, pressupostamente apagadas na lógica vigente e que, portanto, podem prolongar nossas percepções do real, representar nossa vivência do

urbano e coletivo. Desse modo, o próprio espaço público passa a constituir extensão dos seus ocupantes, dos habitantes da cidade. Logo, é coerente afirmar que as mensagens pela cidade chamam à consciência do pertencimento, ao vínculo com o ambiente habitado.

No entanto, pode-se observar que as mudanças que as cidades sofreram cronologicamente, de acordo com as formas de produção e funções sociais, levaram a uma nova percepção do que é público e privado. Assim, originalmente as cidades deveriam constituir-se como espaços públicos, de vida e serviços públicos. Como diz Habermas (1987), o espaço público deve configurar um ambiente democrático para a comunicação, de uso comum e posse de todas as pessoas. Não é o que vemos ocorrer. Alguns podem exercer esse direito, como o que se vê, por exemplo, via publicidades. Outros (vamos sintetizar como indivíduos) não; devem fazê-lo, se assim o desejam, em esfera privada.

A partir disso, parece-nos que o aspecto ideológico constituinte de vivências urbanas pode ser considerado em relação às noções de transgressão e/ou de embelezamento que costumam ser associadas às intervenções visuais urbanas, já que constituem manifestação da interação entre seus diferentes elementos: pessoas, espaço, tempo, materiais e todo o contexto.

2. METODOLOGIA

Para compreender a vivência de intervenções urbanas enquanto potência comunicativa, utilizou-se um viés qualitativo-interpretativo, que privilegiou a observação e interpretação da dinâmica relacionada a espaços com grafites e pichações. Observação no sentido de aproximar-se apenas o suficiente para apreciar as relações entre muros, paredes, lugares, transeuntes e outros possíveis aspectos que constituem a urbe. O deambular – a partir de Benjamin (1999, *apud* DUARTE e ANDRÉ, 2017, p. 9) – foi adotado como atitude de observação; assim, a partir da escolha de cidades e bairros, procurava-se andar sem grandes planejamentos por ruas dos lugares escolhidos, abertas a descobrir o que ali se encontrava em termos não só de intervenções visuais, mas também de dinâmicas de vivência urbana. Esse deambular foi demarcado pelo fotografar de intervenções e, algumas vezes, conversar com quem estava próximo ao observado. As fotografias foram feitas e usadas como tentativa de captar a vivência em um *frame*, como registro, logo não são elas o objeto de análise. Porém, a

partir delas e das conversas pode-se elaborar uma primeira etapa interpretativa, à luz do viés semiótico peirceano.

Escolheu-se três cidades – Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo – devido a suas realidades estético-comunicacionais, além de serem as três maiores capitais brasileiras em termos populacionais. Como as pesquisadoras moram em Brasília, foi necessário somente ir às cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Foram feitas três oficinas de produção de azulejos, depois colados por diversos lugares das cidades escolhidas. Nas oficinas, realizadas no Centro Universitário de Brasília (UniCEUB) com a participação de alunos/as, foram produzidos aproximadamente 150 azulejos.

Conforme Michel de Certeau,

mais que das intenções, eu gostaria de apresentar a paisagem de uma pesquisa e, por esta composição de lugar, indicar os pontos de referência entre os quais se desenrola uma ação. O caminhar de uma análise inscreve seus passos, regulares, ou zigzagueantes, em cima de um terreno habitado há muito tempo (1998, p. 20),

Isto é, o percurso desse tipo de estudo é de descobertas, mudanças. Logo, a partir do que fomos observando, optamos por outros caminhos, como, por exemplo, a criação do Instagram @a.rua.fala, para divulgar as colaborações e os resultados das colagens pelas cidades.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Optou-se por entregar um produto final para aquilo e aqueles que foram objetos de estudo durante a pesquisa, dessa forma, foram feitos e colados diversos azulejos, aproximadamente 50 para cada cidade em estudo. Criou-se o Instagram “@a.rua.fala” para divulgação de fotos e vídeos, interação com os alunos e demais cidadãos, e para fomentar o debate sobre questões urbanas.⁸⁵

⁸⁵ Ainda foi realizada a exposição de arte denominada “Interstícios” no UniCeub, onde foram apresentadas várias fotografias, além de aquarelas, poesia e mapas indicando o local em que algumas foram tiradas e os azulejos colados.

Observou-se a coexistência de pessoas nas ruas, a forma como se apropriam do ambiente urbano, a presença ou ausência de mobiliário urbano, dentre outros parâmetros. Tais ambientes foram fotografados, bem como sua utilização pelo pedestre, os azulejos colados e seu contexto. As imagens foram editadas e as relacionadas com as bibliografias analisadas pelas pesquisadoras.

Figuras 1, 2 e 3. Oficinas 1, 2 e 3 respectivamente.



Figuras 4, 5 e 6. Azulejos colados em Brasília (saída do metrô – 108 Sul), Rio de Janeiro (Feira de Copacabana) e São Paulo (Avenida Paulista) respectivamente.



A semiose agenciada por intervenções na urbe foi, portanto, observada e provocada, também, por nós. Ao produzir as oficinas de azulejos “A rua fala” e colá-los pelas três cidades, também interferimos na dinâmica do lugar e provocamos falas que podem ser transformadoras de vivências na urbe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observar as intervenções visuais urbanas como ação comunicacional possibilitou-nos compreender a significação e a apropriação estética pela mediação do significado no espaço e vivência urbanos. Como lembram França e Simões (2016, p. 87)⁸⁶, pode-se

pensar a cidade como um todo organizado (um grande organismo), mas com atenção especial para as conexões, para os sentidos instituídos na convivência múltipla e diferenciada do urbano. A cidade é muito mais do que os prédios, avenidas, farmácias, escolas, instituições: a cidade é um modo de ser, um conjunto de representações, de imagens.

Evidencia-se, então, que a atividade interpretativa aqui projetada supera, em muito, qualquer intento meramente descritivo ou classificatório para, sim, estruturar a compreensão do ato comunicativo em si, isto é, da ação geradora de significados. Procuramos sentir a urbe ao deambular por ruas das cidades, e aí tornou-se nítida a busca por comunicação, interação e ação no espaço público.

Ao tentar compreender a semiose urbana relacionada a intervenções urbanas, percebemos a importância de espaços urbanos voltados ao pedestre e a coexistência de pessoas nas ruas, a forma como se apropriavam do ambiente urbano. Entendemos que a dinâmica urbana configura-se com potencial de transformar e ressignificar a cidade. Via grafites, pichações, lambes, entre outros, cidadãos se projetam na ecologia urbana, fazem-se presentes. Logo, a urbe atua, ao menos em parte, como sua extensão desses habitantes, incorporando suas ações.

⁸⁶As autoras falam aqui da opção feita pela Escola de Chicago.

Concluimos que enquanto a norma padrão é cada um cuida do seu espaço, as intervenções vêm com esse caráter transgressor e disruptivo, são semioses, ou seja, ações constituidoras de falas, de significados, as quais têm ocupado espaço e merecido maior atenção.

REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano** - artes de fazer. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

DUARTE, Carla; ANDRÉ, Paula. Deixar-se perder na cidade: teorias urbanas a partir do século XIX. In. ANDRÉ, Paula (Org.). **Antologia de ensaios: Laboratório Colaborativo. Dinâmicas urbanas, patrimônio e artes. Investigação, ensino e difusão.** Lisboa: DINÂMIA'CET-IUL, 2017, p. 8-27.

FERRARA, Lucrecia D. Entre a comunicação e a semiótica, o mundo. **Ghrebh** - Revista de Comunicação, Cultura e Mídia, São Paulo, v. 1, n. 5, p. 86-98, 2004.

FRANÇA, Vera; SIMÕES, Paula. **Curso básico de teorias da comunicação.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

HABERMAS, Jurgen. **Teoria de La Acción comunicativa I** - Racionalidad de La y racionalización social. Madri: Taurus, 1987.

MARTINO, Luis Cláudio. De qual comunicação estamos falando? In: HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luis Claudio.; FRANÇA, Vera Veiga. (orgs.) **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências.** Petrópolis: Vozes, 2001, p. 11-25.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida das Grandes Cidades.** São Paulo: Martins Fontes, 2011.

LAMAS, José Manuel Ressano Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade.** São Paulo: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade.** São Paulo: Centauro, 2001.

MCLUHAN, Marshal. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** 15ª reimpressão. São Paulo: Cultrix, 2007.

PALLASMAA, Juhani. **Os Olhos da Pele** - A Arquitetura e os Sentidos. Artmed, 2011.

PEIRCE, Charles. Sanders. **Semiótica.** São Paulo: Perspectiva, 2000.

RUSSI, Pedro. Provocações e ação do signo: “pichações”. In: RUSSI, P. (org.) **Processos semióticos em comunicação.** Brasília: Editora UnB, 2013, p. 45-71.

RUSSI, Pedro. **Grafitis** – Trazos de imaginación y espacios de encuentros. Barcelona: Editorial UOC, 2015.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação e pesquisa:** projetos para mestrado e doutorado. São Paulo: Hackers, 2001.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica.** São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.

SILVA, Armando. El grafiti como parte de los imaginarios urbanos. **Alonso Gil**, 2006. Disponível em <http://www.alonsogil.com/textos-articulos-3/armando-silva-el-graffiti-como-parte-de-los-imaginarios-urbanos/>. Acesso em: 24 jan. 2019.